

# Centro de Estudos Bahianos

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

## UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA

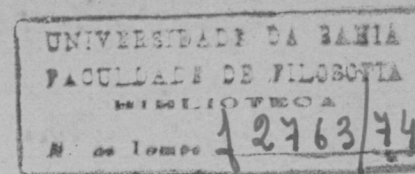
**PUBLICAÇÃO**  
**SALVADOR - BAHIA**

30 DE NOVEMBRO DE 1968

**51**

O "Centro de Estudos Baianos", incluindo, em sua Série, o artigo publicado na "A Tarde", em 1955, sob os títulos 24 DE OUTUBRO DE 1930 — LEMBRANÇAS DE UM ITINERÁRIO ... considerou mais apropriado denominá-lo de "UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA", visto referir-se a uma época que já se vai distanciando e sôbre a qual têm sido poucos os estudos na Bahia, acrescido de notas pelo autor.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral, Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Ba.



UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

UM DEPOIMENTO PARA  
A HISTÓRIA

SALVADOR — BAHIA — 1968

Quando chegou à Bahia, aos 24 de outubro de 1930, a notícia telegráfica da deposição do presidente Washington Luís, as forças estaduais sob o comando do major Domingos Dultra, da Polícia Militar, (1) já haviam estabelecido contacto, em Sauipe, nas vizinhanças de Alagoinhas, com a coluna rebelde, que do Norte descia, pela via férrea, em demanda da Capital.

A população amanhecera, naquele dia, sob relativa calma, embora continuassem desfavoráveis os prognósticos sobre a sorte do Governo.

Uma ocorrência insólita despertara, na véspera, em todos os círculos, as mais desconstradas apreciações: o general Santa Cruz que viera do Rio de Janeiro para comandante supremo, nas bandas de cá, da resistência legalista, e que não costumava sair de bordo do «Comandante Capela», onde viajara e onde estava instalado o seu quartel-general, (anote-se que o pequeno navio quase sempre desatracava durante a noite e, de luzes apagadas, permanecia ancorado a curta distância entre o quebra-mar e o cais) passeara, ao entardecer, pela cidade, em automóvel aberto, na companhia do chefe de polícia, dr. Pedro de Azevedo Gordilho.

Passaram ambos, mais de uma vez, pela rua Chile naquele instante com o seu movimento bem maior, pela concentração de pessoas que comentavam a aproximação dos revoltosos, palpitando sobre o desfêcho do combate que se anunciava. Estavam, ambos, razoavelmente risonhos e, sobretudo, cordiais, o que raro acontecia, segundo voz corrente. Nada disso escapou à argúcia popular, considerando aquela como a visita da saúde, o que os fatos, menos de vinte e quatro horas depois, corroboravam.

Encontrava-se, então na direção do Estado, o presidente do Senado, coronel Frederico Costa, sucedendo ao sr. Vital Soares, que, reconhecido Vice-Presidente da República, renunciara o governo a fim de viajar à Europa, para tratamento médico e regressar a tempo de se empossar com o sr. Júlio Prestes, em 15 de novembro.

Por outro lado, já estava eleito, desde setembro, para o novo período governamental, o senador federal Pedro Lago, cuja posse no Estado seria também em novembro. O governador provisório não mudara, portanto, os auxiliares da administração — nem os das casas civil e militar, nem os componentes do Secretariado — salvo, quanto aos últimos, o dr. Bernardino Madureira de Pinho, que dias antes se demitira da pasta da Polícia por desinteligências ocasionais, que não envolveram, contudo, a sua solidariedade aos amigos políticos ameaçados. O sr. Pedro Gordilho substituiu o sr. Madureira de Pinho, depois de breve interinidade do dr. Prisco Paraíso, titular da Secretaria do Interior.

Acabáramos de vir da residência do sr. Frederico Costa, no bairro do Matatú, — onde nos deveres de Oficial de Gabinete passáramos a manhã — quando um aviso telefônico do chefe da casa militar, coronel João Henrique de Farias, alertou que dali nos chamavam, aos dois, urgentemente.

Era pouco mais de meio dia. Em caminho, nenhuma circunstância denotara a mais leve anormalidade, tanto as ruas do trajeto representavam a rotina diária de pedestres e veículos. No solar do Matatu transmitiu-nos o sr. Prisco Paraíso o que se sabia confusamente, sobre os sucessos do Rio, acrescentando que o sr. Frederico Costa, em vista de sua precária saúde, passaria o governo ao des. Pedro Ribeiro, presidente do Tribunal de Justiça. É certo que o substituto imediato era o presidente da Câmara dos Deputados, mas o dr. Alfredo Mascarenhas, que tal posto exercia, ausentara-se para Cachoeira, terra do seu nascimento e centro de sua influência eleitoral.

#### NO «COMANDANTE CAPELA»

Logo chegado, o des. Pedro Ribeiro, ciente daquele propósito, embora desconhecedor, ainda nesse passo, da situação do sul, alvitrou fôsse ouvido antes, o general Santa Cruz, em face da grave conjuntura militar que se apresentava com os revolucionários perto de Alagoinhas. (2)

Deliberada, assim, a ida ao «Comandante Capela», subiram ao Packard oficial os srs. Pedro Ribeiro e Prisco Paraíso, enquanto ocupávamos, com o coronel Farias, as cadeiras do carro. O itinerário foi pelo Fabrício, para alcançarmos, pelo largo das Sete Portas, a rua Dr. Seabra, e através da Barroquinha a ladeira da Montanha. Na rua Dr. Seabra, algumas lojas comerciais começavam a fechar, mas sem alarme. Empregados e transeúntes, mais surpresos do que temerosos, tendiam a se agrupar, na beira da calçada. O que se sentia por tudo, era, efetivamente, uma sombria expectativa, ainda não confirmada. Mas ao atingirmos a Barroquinha, cidadãos corriam para vários lados, e mais para o da ladeira da Montanha, em cujo tópo, na conjunção da praça Castro Alves (famoso ponto, outrora, de agitações políticas) principiava a aglomerar-se gente insofrida.

Transposta a Montanha, o aspecto que a cidade baixa nos oferecia era diferente, desde que na rua Pinto Martins e adjacências, com o comércio todo encerrado, o povo abandonara os gestos de simples curiosidade, para exaltar-se em demonstrações de regosijo, que cresciam sobremodo na esquina da rua Cons. Dantas, junto

4  
981  
C331

ao edifício do Correio Geral, (sede, atualmente, da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro), onde um orador popular execrava, naturalmente, a «tirania» extinta, entoando lóas ao porvir. Já apontavam lenços vermelhos, poucos e tímidos se compararmos com os que, depois, enfeitaram uniformes militares, trajas civis, hábitos religiosos e serviram a uns de identificação, e a tantos outros, de precioso salvo conduto....

Da situação política que findava, dois homens, por último, eram particularmente visados, o prefeito municipal eng. Francisco Souza que suportava a impopularidade do recente aumento das tarifas de bonde e energia da cidade (3) e o sr. Pedro Gordilho, em grande parte pela sua condição de chefe de Segurança em oportunidade tão ingrata. No mais, o instinto popular reconheceria que a responsabilidade de erros ou abusos era menos dos homens do que de um estado geral de coisas, que muitos admitiriam, no íntimo, carecer de corretivo, sem apêlo, todavia, à violência. O fato é que não houve embarços à nossa passagem, sendo para registrar que, na Barroquinha, pessoas que reconheceram os srs. Prisco Paraíso e Pedro Ribeiro haviam feito sinais amigos no sentido do automóvel retroceder.

No «Comandante Capela», a essa hora desatracado, fomos encontrar o sr. Pedro Gordilho e o padre pernambucano Arruda Câmara. Este, aderindo à rebelião no Recife, viera na vanguarda da tropa que marchava sobre Alagoinhas. Detido pela nossa Polícia Militar, tinha sido encaminhado à Capital e recolhido em sala livre da Chefatura. Aí o avistáramos — se não nos enganamos na véspera — e da roda de que participávamos com outras figuras da administração e da sociedade, inclusive o professor de medicina e diretor do Serviço Médico Legal dr. Estácio de Lima, o tema mais palpitante de conversa fôra a perplexidade dos que capturaram o jovem sacerdote, tomando-o antes como oficial hábilmente disfarçado para fins de espionagem no campo adverso ou catequese revolucionária das populações sertanejas. O que, entretanto, lisonjeava o vigário de Pesqueira era a sua posição de voluntário — combatente e tão convicto da vitória da causa, que ao seu graduado carcereiro afiançava não tardar estivessem trocados os papéis (4).

Quanto ao general Santa Cruz, dir-se-ia um homem libertado de penoso encargo. Tinha em mãos um cabograma, cujo texto — *Heloisa Melhor* — mostrava, para justificativa das medidas que havia determinado, e eram a imediata suspensão das hostilidades no setor de Alagoinhas, conforme aviso expedido ao coronel Ataliba Osório, chefe da 6.<sup>a</sup> Região e comandante das fôrças legalistas ali aquarteladas, e a distribuição de um manifesto ao povo baiano exortando-o a cooperar na manutenção da ordem pública, pela obediência à nova autoridade constituída que a Junta Militar, organizada no Rio, encarnava. Como o sr. Pedro Gordilho, com evidente malícia, objetasse que aquela expressão «melhor» poderia significar uma notícia de família, retrucou o general não possuir nenhuma parenta por nome «Heloisa», repetindo tratar-se de cifra telegráfica, cujo exato significado, isto é, o Presidente deposto, estava apto a traduzir para nós.

Nesse ínterim, a proclamação ficara preparada em mais de uma via datilográfica, que o general Santa Cruz, sucessivamente, subscreveu. (5) Um dos oficiais de serviço no «Capela» (temos a idéia de que era tenente e se chamava Carnaúba) desceu para a

lança de bordo, rumando à terra, com a incumbência de ler ao povo o documento. Não precisou ir aos lugares de aglomeração, porquanto no Cais do Pôrto, até bem pouco em sossêgo, surgira providencialmente, um magóte reduzido, porém entusiasta. A cena foi curta: descobriu-se, como sempre, e também providencialmente, um caixote, para onde subiu o oficial, procedendo à leitura do breve apêlo. Os manifestantes escutaram em silêncio, e depois aplaudiram com efusão, dando-se, naturalmente, por satisfeitos, uma vez que tornaram, incontinentemente pelo mesmo portão do armazém por onde apareceram....

#### MISSÃO CUMPRIDA

Da amurada do «CoSmandante Capela» voltamos ao salão, mandando-nos, nesse momento, o dr. Prisco telefonar ao dr. Guilherme Marback, Oficial de Gabinete, que se encontrava no palácio Rio Branco, dizendo-lhe o que se passava por cá. Atendeu-nos o auxiliar de gabinete, acadêmico de medicina Firmino Lima, transmitindo, a seguir, informação do dr. Marback de que o palácio regorgitava, aguardando-se, a qualquer minuto, o tenente-coronel Custódio Reis Príncipe para investir-se no govêrno, como substituto eventual do comandante da Região (6), não obstante haver o senador estadual Wenceslau Guimarães assumido, de fato, o poder, atribuindo-se mandato popular da revolução vitoriosa. Ouvíamos, com efeito, através do fio telefônico, o imenso burburinho (7)...

Por sua vez, o sr. Pedro Gordilho comunicara-se com a Secretaria da Segurança, obtendo a notícia de que populares procuraram acometer o edifício, sendo impedidos a bala, pela guarda, verificando-se mortos e feridos. Reiterando instruções opostas a qualquer excesso, dispõe-se a ir à terra, ao que o padre Arruda Câmara se prontificou em lhe fazer companhia. Foi o bastante para animado diálogo, provocado, sem o querer, pelo ex-chefe de polícia quando ao seu prisioneiro da véspera advertiu, vivamente, não necessitar da proteção que lhe oferecia. Revidou o sacerdote que o seu gesto, mal compreendido, correspondia, apenas, ao dever de prestar assistência à autoridade deposta, a cuja ordem, enquanto a pudera dar, permanecera êle prêso com garantia de vida. Desfeito, em boa hora, o equívoco, desembarcaram os dois mudadas, positivamente, as posições (8).

O sr. Prisco Paraíso estava com a missão terminada e, além de terminada, cumprida. De outro lado a posse, que não demorou, do tenente-coronel Reis Príncipe em nome do poder militar instaurado no País, tornava inexecúvel o anterior propósito de transferência ao des. Pedro Ribeiro do poder civil no Estado. E o general Santa Cruz já projetava partir pela madrugada, por concluída, também, a sua missão (9).

Os caminhos de volta eram, em suma, os caminhos de casa. Buscamos a cidade alta pelas ruas Manoel Vitorino e Democrata, dado que as outras vias de acesso estariam intransponíveis, quiçá hostis, e saímos no largo da Piedade coalhado de gente em cujas fisionomias perdurava a tristeza pelo conflito pouco antes desenrolado. De uma das janelas do velho edifício da Polícia, na outra extremidade da praça, falava alguém, dirigindo-se aos que em baixo se

agrupavam, mas os gestos sóbrios, acompanhando palavras que não ouvíamos, denunciavam, claramente, objetivos de paz, em vez de propostas de luta. Já a Avenida Joana Angélica, à medida que nos aproximávamos da rua do Genipapeiro, onde o des. Pedro Ribeiro ia, primeiro deixar o sr. Prisco Paraíso em sua residência, contrastava, na absoluta tranquilidade do seu aspecto — somente as janelas mais cheias que de costume — com o fervedouro do centro...

De uma ou de outra maneira a cidade se inteirava, aos poucos, dos acontecimentos decisivos do dia, e o seu povo, no tumulto de surpresas e de sensações da hora, não perdia o sentido de ordem, que tanto lhe faz honra. Cinco lustros decorridos, essa impressão, e a de autoridades que não desertaram o posto que as armas vencedoras lhes arrebatavam (10), avultam por certo, na lembrança dos episódios que as circunstâncias nos fizeram, naquela tarde, testemunhar.

Salvador, 1955.

#### NOTAS AO TEXTO

(1) — O major DOMINGOS DULTRA DA SILVA sobreviveu pouco tempo à jornada de Alagoinhas, porquanto faleceu em 14 de janeiro de 1935, na cidade de Feira de Sant'Ana, em cujo cemitério da Piedade ficou sepultado. Assentara praça na Polícia Militar em 1901 e da sua carreira deixou muito viva a lembrança de bravura pessoal, atestada nas campanhas pela ordem constitucional, travadas no sul do País entre 1924 e 1925, de que a polícia baiana participou. Foi particularmente assinalada a sua atuação no celebrado combate de Catanduvas. Em 1924, louvou-o o governador GOES CALMON, por estar honrando o nome da Bahia, "nos campos do sul, com ânimo resoluto e até temerário".

(2) — De acôrdo com a carta que a seguir reproduzimos e que nos foi endereçada por seu filho, dr. CLEMENTE MARIANI BITTENCOURT, atualmente Presidente do Banco da Bahia e, àquela época, deputado estadual, vindo a ser, depois, constituinte federal em 1934 e, em 1946, ministro da Educação e Saúde na presidência EURICO DUTRA e da Fazenda, na presidência JÂNIO QUADROS: "Ministério da Educação e Saúde — Gabinete do Ministro — Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1947 — Prezado amigo Senador Aloísio de Carvalho — Havendo lido no "O Globo", a 19 de setembro p. findo, a sua oportuna retificação às declarações do Sr. Viana de Castelo, sobre a marcha e o desfêcho da revolução de 1930, considero do meu dever contribuir para o restabelecimento integral da verdade histórica reavivando-lhe a lembrança de que o Sr. Frederico Costa, substituto interino, a essa época, do Governador Vital Soares, não transmitiu o governo, "em solenidade regular, ao presidente do Tribunal de Apelação, desembargador Pedro Ribeiro, no propósito de dar à transição política que se ia operar a presença de um elemento neutro nas lutas partidárias que haviam deflagrado a revolução". Esse pode ter sido o intuito recôndito do Coronel Frederico Costa, que, entretanto, não manifestou ao Desembargador Pedro Ribeiro, porquanto os fatos se passaram exatamente da seguinte maneira: A 24 de outubro, cerca das 14 horas, foi o Desembargador Pedro Ribeiro solicitado pelo Governador interino Coronel Frederico Costa a comparecer a sua residência no Matatu, onde, na presença do secretário do Interior e Justiça, Dr. Prisco Paraíso, manifestou-lhe o desejo de transferir-lhe o governo, por sentir que a sua idade e saúde não lhe permitiam desempenhar-se a contento das responsabilidades

do momento. Nada lhe disse sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro, embora, como depois se verificou, já fôsse do seu conhecimento. Tão evidente era, entretanto, a gravidade da situação, com as tropas revolucionárias em Alagoinhas, a 120 Kms. da capital, depois de se terem assenhoreado de todo o Norte, cujos governadores depostos todos os dias aportavam à Bahia, que o Desembargador Pedro Ribeiro achou de bom aviso, antes de se realizar a transferência do poder, ouvir a respeito o General Santa Cruz, que comandava tôdas as forças legalistas e tinha o seu posto de comando no navio "Comandante Capela", atracado no cais do pôrto. Dirigindo-se então a êsse local, em companhia do Dr. Prisco Paraíso, ouviu do General Santa Cruz que a revolução já estava vitoriosa, prêso o Presidente Washington Luiz e conseqüentemente deposto o governador baiano, que não detinha mais nenhum poder que fôsse transferível. Quanto a êle, já mandara desatracar o navio, afastando-se para o ancoradouro, onde aguardaria as ordens da Junta Militar. O desembargador Pedro Ribeiro, portanto, não somente não chegou a exercer as funções mas nunca chegou a assumir o Governo, nem "em solenidade regular", nem de qualquer forma, pela simples razão de que, quando tentou passá-lo, o coronel Frederico Costa não mais o detinha. Certo de que em qualquer outra oportunidade em que tenha ensejo de tratar do assunto terá em conta esta lembrança que me permito, receba o abraço afetuoso do colega e amigo (a) CLEMENTE MARIANI".

Ao "O GLOBO", na sua edição de 18 de setembro de 1947, dissera o último ministro da Justiça da República Velha que, antes do 24 de outubro, haviam ruído "rápida e sucessivamente, como castelo de carta, todos os governos estaduais, do Espírito Santo para o extremo norte, exceção feita do governo do Pará, a cuja testa se achava o Sr. Eurico Vale, que resistiu enérgica e corajosamente e dominou o levante". Daí, a carta que dirigimos àquele órgão carioca, restabelecendo a verdade dos fatos quanto à Bahia, e que motivou o esclarecimento acima inserto. A disposição do Sr. FREDERICO COSTA em transferir o governo chegou a expressar-se neste ofício, que "A TARDE" de 25 de outubro publicou: "Estado da Bahia" — Gabinete do Governador — Bahia, 24 de outubro de 1930 — Exmo. Snr. Desembargador Pedro Ribeiro de Araújo Bittencourt, d. Presidente do Tribunal Superior de Justiça — Em virtude do meu estado de saúde, e a conselho médico, tenho a honra de passar a Vossa Excelência o exercício do cargo de Governador do Estado na qualidade de terceiro substituto legal, cumprindo-me declarar que recuso assumi-lo e segundo substituto legal, exmo. presidente da Câmara dos Deputados. Apresento a Vossa Excelência os protestos de minha elevada estima e consideração. (a) FREDERICO AUGUSTO RODRIGUES DA COSTA".

Não se consumou, contudo, a transferência do poder, pelas razões claramente expostas na carta aqui transcrita.

(3) — As prevenções populares desencadeadas pela vitória da Revolução concentraram-se, tôdas, na empresa americana concessionária dos mencionados serviços. Prudentemente, determinou a sua direção que, até harmonizar-se a vida da cidade, nada se cobraria nos seus veículos, nem mesmo a tarifa antiga. Dest'arte, durante alguns dias, a população passou, de graça, festivamente, nos bondes de qualquer ramal, sendo que, no princípio muitos passageiros, mais exaltados, repuxavam, sem cessar, o cordão da campanha que servia para a parada, bradando, unissonantes: **Bonde de tostão! Bonde de tostão!** Nesse clamor, que só os conhecedores do recente problema do aumento das tarifas compreenderiam, cifrava-se, a bem dizer, o voto de aplauso e de esperança da velha cidade aos vencedores do momento.

(4) — Regressando ao Recife, o padre, hoje Monsenhor, ARRUDA CÂMARA, elegeu-se, em 1933, deputado à Assembléia Nacional Constituinte, onde desempenhou a liderança do Partido Social Democrático do seu Estado. Ninguém, entre militares e civis, fizera mais pela Revolução no Recife. Voltou à Constituinte Federal de 1946, reelegendo-se, sempre, deputado, inclusive para a legislatura atual, e assinalando a sua atuação parlamentar por inatigável combate a sucessivos projetos legislativos, objetivando burlar o preceito constitucional do casamento indissolúvel.

(3) — Guardamos, então, uma das vias, que infelizmente se extraviou. Não temos dúvida, porém, de que o seu texto correspondia ao que, a seguir, transcrevemos, conforme publicado no "Diário da Bahia": **Proclamação.** Concidadãos! Acabo de ter conhecimento de que o governo constituído do Brasil foi deposto por vontade unânime da guarnição do Exército e da Marinha da Capital da República, com o apóio do povo, e que se instalou uma junta militar governativa constituída por oficiais gerais do Exército. A minha vida de soldado disciplinado tem sido um sacerdócio do dever e agora mesmo eu vos comunico que acabei de ordenar a suspensão das hostilidades militares das forças sob meu comando a fim de evitar sacrifícios inúteis de vida dos nossos concidadãos. Assim confio no espírito ordeiro e disciplinado do valente povo baiano e faço mesmo um apêlo sincero a tôdas as consciências no sentido de que o estado da Bahia aguarde sereno e na mais completa tranqüilidade a reposição da ordem em todo o país".

(6) — O coronel ATALIBA JACINTO OSÓRIO, comandante da Região, era um homem tranqüilo, e de sua fidelidade à ordem legal não houve, um só instante, suspeita, sem embargo de sua condição de gaúcho. Assumindo o govêrno às 10 horas do dia 25, mandou-nos chamar ao palácio Rio Branco, bem como ao nosso dileto companheiro GUILHERME MARBACK, para a ambos solicitar que continuássemos no lugar de Oficial de Gabinete, arguindo, em resposta à nossa natural escusa, que êle também não era revolucionário e apenas obedecia aos superiores hierárquicos. Em automóvel de praça, conduzido pelo conhecido profissional Manoel da Silva, que, há pouco, festejou cinqüenta anos de ininterrupta atividade no volante, atravessamos a rua Chile, apinhada de gente, que nem de longe adivinharia a causa da estranha aparição... Justificava-se, até, a surpresa de um popular, manifestada, em tom gaiato, à nossa passagem. É que o "Diário da Bahia" noticiara, pela manhã, que logo conhecida, na véspera, a queda do Sr. WASHINGTON LUIZ, estávamos abrigados a bordo do **Comandante Capela**. E o pequeno navio, naquela altura, singrava, serenamente o oceano largo, na sua viagem de volta. Os que, hoje, tanto se queixam das fantasias dos jornais vêem que o mal não é nôvo...

(7) — Constou, na ocasião, que o Sr. WENCESLAU GUIMARAES tivera tempo de subscrever dois atos, nomeando, respectivamente, Chefe do seu Gabinete e Secretário da Polícia, os Srs. CÉSAR CABRAL, antigo diretor da Secretaria do Interior, e ARTHUR LUSTOSA DE ARAGAO, ex-delegado de polícia e elemento da facção seabrista (chefiada pelo ex-governador Sr. J. J. SEABRA) que tivera sôbre seus ombros a campanha política da Aliança Liberal no Estado. Tais documentos estiveram, por longo período, em poder de funcionário daquela repartição, que não obstante instado sempre para confiá-los à guarda do Instituto Histórico, acabou inutilizando-os. Do grupo seabrista, aliás diminuto, e a que também pertencia o senador WENCESLAU GUIMARAES, saiu o primeiro interventor da Bahia, professor de engenharia LEOPOLDO AMARAL, cuja gestão, entretanto, não passaria do mês de fevereiro seguinte. Ao senador WENCESLAU, homem inteligente, afeito aos repentes espirituosos, atribuiu-se, depois, a declaração de que o seu "govêrno"

tôra o melhor que a Bahia já desfrutara: não aumentara impostos e não demitira nem mandara prender ninguém...

(8) — Desembarcando com o Sr. PEDRO GORDILHO, conduziu-o o padre ARRUDA CÂMARA, em lancha, até ao Pôrto da Barra, no arrabalde dêsse nome, que as agitações do centro da cidade não haviam atingido. Dali, em automóvel de aluguel, levou-o à residência, na praça Dois de Julho, do Arcebispo Primaz D. Augusto, que prontamente o acolheu. Intensificando-se, pelos dias seguintes, a pressão do comando revolucionário no sentido da detenção do ex-chefe de polícia, foi o sacerdote pernambucano quem o acompanhou ao nôvo titular da Secretaria da Segurança, responsabilizando a êste, diretamente, pela vida da autoridade deposta. A tais informes, que nos foram ultimamente confirmados pelo deputado ARRUDA CÂMARA, cumprenos agora acrescentar que à sua generosa energia deveu o Sr. PEDRO GORDILHO, em grande parte, senão decisivamente, a sua incolumidade pessoal desde o episódio do **Comandante Capela**.

(9) — O entendimento entre o Sr. PRISCO PARAÍSO, secretário do Interior, e o general SANTA CRUZ, foi, sempre, em termos de mútua cordialidade, do que é mostra a seguinte carta, escrita na mesma data de 24 de outubro: "São Salvador, 24 de outubro de 1930 — Snr. Dr. Prisco, Saudações cordiais — ao retirar-me da Bahia, cabe-me a grata satisfação de deixar aqui consignado tôda a minha admiração e amizade pelo muito que me auxiliou com dedicação e grande energia, no momento difícil que vivemos aqui juntos. Embora muito curto o nosso convívio, tôdas as suas atitudes valeram por uma afirmação positiva do alto conceito em que o Sr. é tido em todo o país, com juriscoonsulto notável e homem público de elevado critério e honestidade. Despedindo-me, reitero os oferecimentos dos meus modestos préstimos na Capital da República, onde continuarei a receber, prazeroso, as suas ordens. (a). **Antenar de Santa Cruz**". (Do arquivo do bel. FRANCISCO PRISCO DE SOUZA PARAÍSO JÚNIOR).

(10) — Os livros que depois foram escritos sôbre a revolução de 30 fartaram-se de noticiar que, a 24 de outubro, já os governos do Norte haviam caído, vulgarizando-se até a imagem de que caídos como um castelo de cartas... A versão, todavia, não é exata em relação à Bahia, onde os fatos sucederam, naquele dia, pela forma descrita. No particular, o Sr. BARBOSA LIMA SOBRINHO, ao contrário dos demais autores, retratou, fielmente, em "A verdade sôbre a Revolução de outubro" (ed. 1933), o que ocorreu, equivocando-se, apenas, em figurar o coronel **Frederico Costa** como tendo abandonado o palácio do govêrno. O titular interino do Executivo permanecera, com efeito, na sua residência particular, na mansão do Matatu, não vindo ao palácio Rio Branco, que era o palácio dos despachos. Nem havia razão para que viesse, dado o rumo que os acontecimentos iam seguindo, e desde que, do Matatu, tomava o govêrno as providências adequadas, até à ordem de "cessar fogo" emanada do comando militar legalista. Tanto que integrantes das casas civil e militar, incumbidos, normalmente, do expediente público na sede dos despachos, ali compareceram à hora certa, como todos os dias, e ali assistiram, em constante comunicação telefônica com os seus superiores, o desenrolar dos acontecimentos, dentro do próprio palácio, invadido pelos populares. Eis, em suma, o que o Sr. BARBOSA LIMA registrou no seu livro, em que, por tôda parte, os dons de jornalista e de escritor se casam para um admirável repositório político da época: "Na Bahia por volta das 12 horas do dia 24, eram conhecidos os acontecimentos do Rio de Janeiro. Organizam-se logo passeatas, com os vivos normais à revolução e aos seus chefes. Um grupo de populares invade o palácio do govêrno, que o governador interino, coronel Frederico Costa, já havia abandonado. A luta é, então, apenas

para saber quem exercerá o poder. Os elementos civis são logo afastados, para que o governo caiba ao comandante da Região, coronel ATALIBA OSÓRIO, representado pelo major **Reis Príncipe**. Somente a Secretaria da Polícia ainda se lembra de receber os manifestantes à bala, mas o mal entendido logo se repara, numa rendição total da força da polícia". (pág. 243).

É interessante acentuar, por fim, que, competindo à Bahia, por circunstâncias de que nos não cabe, talvez, maior merecimento, concentrar tropas e recursos para conter a descida das forças rebeldes triunfantes no Norte, perdurou, até dias próximos do movimento das altas patentes, em 24 de outubro, a impressão de que poderíamos oferecer resistência eficaz, sem embargo da desconfiança que lavrava quanto ao comportamento da força federal aqui sediada. Ainda a 21, em carta, ainda inédita, que escreveu ao Sr. PRISCO PARAISO, despedindo-se por viajar para a Europa, depois de alguns dias de refúgio em Salvador, o Sr. ESTÁCIO COIMBRA, governador depondo de Pernambuco, referia-se, nestes termos, à sua esperança de que a "resistência" da Bahia restituisse ao Norte a ordem constitucional: "Bahia, 21 de outubro de 1930 — Meu caro Prisco. — Na incerteza de poder vê-lo, quero dizer-lhe que não bastam palavras para exprimir-lhe todo meu reconhecimento e dos que me acompanham às suas atenções e solicitude na grave conjuntura, em que todos nos encontramos. Parto por deliberação de minha família, e dos meus amigos de Pernambuco, ora no Rio. Não quero ser obstinado nem imprudente. Cedo ao império das circunstâncias, a que não posso sobrepor-me. Tenho fé que o Brasil vencerá ainda uma vez e nutro a esperança que da resistência da Bahia emergirá o restabelecimento da ordem no Norte. Com um afetuoso abraço despede-se o ESTÁCIO". (Do arquivo citado). A deposição, que se precipitara, do governo federal, tornou a Revolução um fato consumado...

Salvador, 1969.